

O EGO E O MOVIMENTO

Luiz Edmundo Pinto Bonilha¹; Silvestre Grzibowski ²

¹Universidade Federal de Santa Maria – l.edmundo@yahoo.com

²Universidade Federal de Santa Maria – silboski@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho procuramos expor a noção de movimento na filosofia de Michel Henry. Fizemos isso por acreditarmos que o “Movimento” é um elemento essencial para a constituição do *Corpo Subjetivo*. Sem o movimento o ser humano não sentiria a presença do mundo ou da vida. Apenas o imaginária, o representaria em imagens estáticas do pensamento. Henry, por sua vez, ao notar essa concepção estática do mundo e da vida do *ego*, “retirou” esse último do pensamento e trouxe o ser do *ego* junto ao movimento que, segundo ele, se confunde com nosso corpo.

Henry diz que antes de obtermos algum resultado se faz necessário que a pergunta se faça clara e transparente para si mesma. Descartes, embora tenha feito uma contribuição sem precedentes para a filosofia, com a “descoberta” do *ego*, não soube elucidar sobre o sentido do *ser do ego*. Nem seus sucessores obtiveram êxito ao abordar o *cogito* cartesiano, como por exemplo, Husserl. Este último, segundo Henry, manteve-se preso a consciência, dizendo de outra forma, não superou o problema da representação e por isto não soube esclarecer com que “el ser em y por cual el ego puede surgir a la existência y adquirir su ser propio” (HENRY, 2015).

Acreditamos que o “Movimento” é um elemento essencial para a constituição do *Corpo Subjetivo*, mais precisamente, o “ser encarnado”. Por considerarmos que sem o movimento o ser humano não sentiria a presença do mundo ou da vida. Apenas o imaginária, o representaria em imagens estáticas do pensamento. Para reforçar nossa crença, Henry, em seu livro *Filosofia e Fenomenologia do Corpo*, afirma que “o corpo não é apenas movimento, é também o sentir (...) mostra precisamente que a essência do sentir se constitui pelo movimento” (HENRY, 2012). Através desta afirmação pretendemos alcançar o objetivo de explicar como que através do movimento é possível o *ser do ego* constituir-se; sendo mais claro, como é possível a afirmação do “pertencimento do ser do movimento à esfera de imanência absoluta da subjetividade” (HENRY, 2012).

A tradição filosófica centrou-se no “logos”, na “Razão”, na perspectiva intelectual de nossa vida e ao deparar-se com o corpo do ser que questiona, que reflete, que se move, que impulsiona e vivencia todo o agir da vida – com seus afetos e subjetividade – acabou colocando essas perspectivas (ou modo de viver) como questões secundárias. Quando essas perspectivas foram estudadas as conceberam como pertencentes ao ser transcendente. O filósofo holandês, Spinoza, percebeu claramente essa forma menos prestigiosa de abordar tudo aquilo que “não pertence” a esfera da razão:

Os que escreveram sobre os afetos e o modo de vida dos homens parecem, em sua maioria, ter tratado não de coisas naturais, que seguem as leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora dela (Spinoza, 2013)

Essa atitude possibilitou o desenvolvimento da clássica dicotomia alma/corpo (mente/cérebro). Mesmo que os sistemas filosóficos concordem, em relação ao corpo, “na afirmação do pertencimento ao mundo do ser de nosso corpo” (HENRY, 2012), o conhecimento deste foi legado à transcendência. Em decorrência disso o corpo foi tratado como adereço, como um objeto ou como um objeto histórico. No entanto, esse ser transcendente, que sobrevoa(va) o corpo, o observando como um espectador, ao avistar aquele “objeto” o enxergou vazio em seu interior devido a sua distância.

Notamos nisso um afastamento, uma separação, do ser sensível, dizendo de outra forma, da subjetividade em relação ao conhecimento.

No entanto, o mundo apresenta-se a nós em aparições sensíveis e essas, são tudo aquilo que constitui a “matéria prima” de nossa vida: a subjetividade. E esta é a capacidade de sentir a si mesma que é a vida real e não a vida que a ciência quer tentar através dos resultados obtidos em seus laboratórios através de seus tubos de ensaio, microscópios e afins: “é a vida fenomenológica absoluta cuja essência consiste no próprio fato de se sentir ou de experimentar a si mesmo e não é nada mais -, o que ainda denominaríamos subjetividade” (HENRY, 2012).

Henry, por sua vez, investigará por um viés mais profundo que é o da subjetividade, da imanência absoluta do “Eu”. Onde o conhecimento se faz transparente e imediato devido a ausência da distância entre aquele que conhece e o conhecido (observado ou sentido). Em relação a isso cabe salientar que existe somente uma diferença no modo como as coisas se manifestam: ao corpo na imanência da subjetividade; o mundo ou os objetos, no elemento do ser transcendente.

2. METODOLOGIA

Para constituirmos o *corpus* deste trabalho, focamos nossa pesquisa no seguinte livro: *Filosofia e Fenomenologia do Corpo – Ensaio sobre a Ontologia Biraniana*. Logo após colhemos materiais (artigos, livros...) que tratassem do mesmo tema, sempre focando a interpretação que Michel Henry deu à filosofia biraniana. No entanto, começamos a nos deparar com críticas ácidas ao filósofo francês Biran por parte de Henry. Fazendo com que nosso projeto se voltasse para a fenomenologia de Michel Henry. Agora realizamos um recorte desse material com o propósito de estabelecermos o objeto de pesquisa. Atualmente, estamos nos dedicando a fazer uma análise desses arquivos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início de nosso trabalho, estávamos colhendo materiais da relação Michel Henry e a ontologia biraniana. Constatamos que a noção de *corpo subjetivo* foi um conceito que Henry encontrou na filosofia biraniana. Esse conceito se refere a um corpo que não é nem orgânico e nem psicofisiológico, dizendo de outra forma, não é um corpo no sentido de “körper” nem no sentido de “leib”. O primeiro está reduzido a algo puramente material; o segundo, ainda está, digamos, “preso” na representação. Podemos notar isso na crítica que Henry faz à fenomenologia husserliana ao dizer que ele só fez uma “fenomenologia histórica” e ter ficado restrito na “intencionalidade”, no “como do aparecer” e não no aparecer enquanto essência da fenomenalidade. Esse conceito (corpo subjetivo) se refere a um corpo transcendental que está situado na imanência da subjetividade radical.

No entanto, nosso estudo tomou um rumo mais profundo. Analisando as obras de Henry, percebemos a presença constante da crítica a tudo que se refira a “absoluto”, “estático”, “representação”, enfim a tudo que leve a uma conotação de

“ausência de movimento”. Isso fez com que nos voltássemos para a noção de “movimento” na filosofia henryana. E estamos constatando que o “movimento” é algo essencial para a manifestação do *ser do ego*. Descartes, Husserl, entre outros filósofos, estudaram e questionaram acerca do *ego* mas o trataram como já constituído. Henry, por sua vez, está questionando como o *ser do ego* constitui sua existência e o mundo, e é através do movimento que, não apenas no mundo e na sua existência que ele se constitui, mas se manifesta na vida.

CONCLUSÕES

no corpo que as impressões da vida se manifestam e a vida quer ser sentida. É no corpo onde os movimentos são realizados. É através do corpo que damos sentido a vida e essa última se dá como afeto num corpo dotado de impulsos. O corpo não é um fetiche, um objeto em que se acrescentam adereços para esconder o seu “eu”, ele é possuidor de subjetividade. Cada corpo possui uma extensa e rica capacidade subjetiva que nos oferece distintas perspectivas a cada novo amanhecer. Tratar o homem como algo separado de seu corpo, não é apenas esquecer-se do sujeito encarnado, mas também, do meu próximo, ou seja, da Ética. enxergar os indivíduos como destinos, como uma vida. Vida que anda, chora, ri, sofre. Vida que toca e é tocada e que assim vai constituindo seu ser e seu percurso. Como não há separação do movimento com o “eu”, por sua vez, não há um mundo separado do *ego*. O mundo é vivido pelo *ego*, é sentido em todo seu agir. A vida que perpassa por ele que nos possibilita dar sentido ao mundo através de minha subjetividade, pois “o mundo é o mesmo porque eu sou o mesmo (HENRY, 2012).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HENRY, Michel. **Filosofia e fenomenologia do corpo – ensaio sobre a ontologia biraniana**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Realizações, 2012.

HENRY, Michel. **A Barbárie**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Realizações, 2012

HENRY, Michel. **La esencia de la manifestación**. Trad. Miguel Garcia-Baró y Mercedes Huarte. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Ed. Autêntica. 2013.